

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE na Rua do Hospício 85	Preço da assignatura por mez	Para a Côte 1\$000 Para as Províncias... 1\$500	AS ASSIGNATURAS começam no 1.º de cada mez
--	------------------------------	--	--

A BASTARDA

PRIMEIRA PARTE

A AMANTE DO AMO

XUVI

A CEIA

(Continuação.)

— Boa-noite, Nicasio, disse-lhe a moça; estimo vel-o...

— Obrigado, minha senhora, e também folgo em encontral-a de perfeita saúde.

— Agradecida, meu amigo... eu passo perfeitamente bem...

— Trago bonitas cousas na minha canastra, tenho muita novidade...

— Veremos tudo isso amanhã....

— Quando minha senhora quizer, estarei sempre ás suas ordens....

— Antoninha, disse Joanna á sua criada particular, logo que houveres acabado, subirás... preciso de ti...

-- Subo já, minha senhora.

— Não, não... acaba de ceiar, não ha pressa... E boa noite, meus amigos...

— Boa noite, minha senhora... responderam a uma só voz quantos estavam presentes.

E Joanna retirou-se do mesmo modo por que entrára, triste e a passo lento.

Durante todo o tempo que ella alli estivera, uma unica pessoa não dera demonstração de ter notado a sua presença.

Essa pessoa era o idiota que estava sentado junto á chaminé.

Em compensação, porém, o companheiro de Nicasio fitára com estranha persistencia seu olhar vitreo no semblante da moça.

Esse profundo e attento exame durou todo o tempo que Joanna Caillouet esteve na sala.

Quando ella se retirou, o velho murmurou, mas tão baixinho que ninguem pôde ouvil-o:

— O retrato vivo da condessa Margarida!...Ah! comprehendo tudo agora!

XXVII

O QUARTO DE JOANNA

A ceia terminou.

Antoninha, antes de sahir da sala para ir ter com sua ama no primeiro andar do pavilhão, aproximou-se de um rapaz da granja, e fallou-lhe durante um ou dous minutos.

O rapaz respondeu com uma alegre risada e com um signal affirmativo.

— Comprehendeste-me, não, João Claudio?

— Comprehendi, Antoninha, e pôde confiar em mim... é como se já estivesse feita a cousa...

Digamos de passagem que este mysterioso colloquio não deixou de causar uma certa inquietação ao ciumento Nicasio.

Apressememo-nos em accrescentar que essa inquietação era destituida de fundamento.

Antoninha recommendára a João Claudio que accommodasse na cavallariça pequena o companheiro de viagem de Nicasio, e que não se esquecesse, ao retirar-se, de dar uma volta á chave na fechadura.

Formulada esta ordem, a criadinha dirigiu-se lepidamente para a porta da sala.

Junto a essa porta, porém, esperava-a Nicasio.

— Boa noite, Sr. Nicasio! disse-lhe ella rindo-se.

— Retira-se, Antoninha?

— Minha ama está á minha espera.

— Não volta?

— E' muito tarde já.

Nicasio soltou um volumoso suspiro.

— Que tem o senhor, que suspira assim? perguntou a rapariga.

— E' que desejava conversar um pouco com você...

— Esta noite?

— Esta noite, sim ...

— O que é que tem para dizer-me tão urgente?...

Nicasio não respondeu precisamente á pergunta.

— Não se lembra, Antoninha, de que me recomendou trouxesse novas canções?..

— E trouxe-as?

— De certo!.. uma principalmente... oh! uma tão bonita como jamais se cantou!

— Pois dê-m'a já.

— E' impossível.

— Porque?

— Não está impressa, nem escripta. — Trago-a de muito longe, da Bretanha...

— Bem! veremos amanhã a sua famosa canção...

— Desejava tanto que fôsse esta noite...

— Pois bem! eu vou accommodar a senhora, e depois descerei ao pateo.

E a rapariga sumiu-se com a ligeireza de um passaro.

Ao mesmo tempo que este encontro se combinava, João Claudio, executando as ordens de Antoninha, levava o companheiro de Nicasio para a cavallariça, onde trancou-o conforme lhe fôra recommendado.

Alcancemos novamente a criadinha, que fôra ter, como sabemos, com Joanna Caillouet.

O pavilhão de Thil-Châtel era distribuido de uma maneira simples e commoda.

No andar terreo, um grande vestibulo, com duas largas portas envidraçadas, deitando, uma para o pateo interior do lado da granja e mais dependencias, outra para o jardim francez que ficava contiguo ao parque.

Nesse vestibulo ficava o vão da escada, e quatro portas mais que davam entrada para os seguintes compartimentos:

Uma vasta sala, seguida de um gabinete.

Uma sala de bilhar.

Uma sala de jantar, copa e uma sala de banho.

Um corredor que dava accesso da sala de jantar para a cozinha.

No primeiro andar havia um aposento principal, — muito completo e confortavel (o que occupava Joanna Caillouet), e quatro alcovas destinadas a hospedes.

Em cima, sob o tecto pontudo de violento declive, havia varias aguas-furtadas e um celleiro sem destino.

O castello, quando o Sr. de Vezay o mandára comprar para a filha de Margarida, estava todo mobiliado.

Essa mobilia, que ascendia ao anno de 1760, offerecia uma admiravel amostra do estylo intitulado Pompadour.

O fidalgo que possuia Thil-Châtel naquella epocha era rico, e tinha, — como vulgarmente se diz, *feito loucuras* com a ornamentação do seu lindo solar.

Joanna, ao tomar posse da propriedade, tivera o bom gosto de não mudar cousa alguma no arranjo da casa.

O aposento em que introduzimos o leitor era um brinco.

E era nesse ninho seductor que se destacava a alva e loura imagem de Joanna Caillouet.

No momento em que introduzimos o leitor junto della, duas unicas velas estavam accesas.

A debil claridade dessas duas velas pouco alumia a alcova.

A principio parecia esta inteiramente deserta.

Olhando, porém, com mais attenção, poder-se-hia distinguir um vulto escuro, reclinado em um sofá na parte mais retirada do compartimento.

Esse vulto era Joanna, com o seu roupão escuro, que se destacava na fazenda branca que forrava o sofá.

A moça não fazia o menor movimento.

Sua cabeça, reclinada para traz e afogada nas ondas de suas madeixas louras, afundava-se em um dos macios coxins.

A mão esquerda pendia-lhe inerte ao longo do sofá; — o braço direito se arqueiava sobre si mesmo, e a mão se lhe apoiava no peito, sobre o coração, que ella oprimia com contracção nervosa.

Joanna Caillouet parecia calma, — quasi a dormecida, — e no entanto a calma e o somno bem longe della estavam.

Cada uma das pulsações de seu seio agitado imprimia-lhe á mão um ligeiro estremecimento.

Seus olhos, inteiramente abertos, não enxergavam nada, e grossas lagrimas ardentes corriam-lhe, uma por uma, ao longo das faces.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

JOANNA E MAGDALENA

I

JOANNA E ANTONINHA

A porta da alcova abriu-se tão mansamente que Joanna não ouviu o leve ruido e não fez movimento algum.

Antoninha pensou que sua ama estivesse dormindo.

Aproximou-se com precaução, calcando com a ponta do pé o tapete de Aubusson.

Uma taboa do assoalho estalou.

Joanna ergueu a cabeça e perguntou:

— Quem está ahi?

— Sou eu, minha ama...

— Ah! és tu, Antoninha?.. Que me queres, minha filha?..

— Minha ama não se lembra que foi pessoalmente á sala grande dizer-me que subisse logo que acabasse de ceiar?...

— Ah! sim!... Bem! visto que estais ahi, despe-me...

E Joanna, levantando-se do sofá, encaminhou-se para o lado da chaminé.

Em sua excessiva preocupação, não havia enchugado as lágrimas que continuavam a lhe correr dos olhos.

— Ah! Deus meu! exclamou Antoninha com voz afflicta; que tem a minha ama?...

— Eu, filha?... não tenho nada...

— Não tem nada?...

— Affirmo-te que não...

— Será possível!...

— Porque?

— Minha ama está chorando, e não se chora sem motivo... principalmente quando se possui tudo para ser-se feliz, como a senhora...

— Pois eu estou chorando? disse Joanna com uma especie de distracção que se assemelhava a desvario; acreditas que eu estou chorando?...

— Veja, repare...

E Antoninha indicava com o dedo as perolas liquidas que corriam nas faces pallidas da moça e lhe cahiam no peito do roupão.

— Sim, respondeu Joanna, são lágrimas; mas, tu bem sabes, as lágrimas correm muitas vezes sem motivo...

— Ah! minha ama! murmurou a rapariga; a senhora tem o direito de calar-se, e não lhe pergunto os seus segredos; mas estou certa de que faz-me morrer de pezar vel-a triste como anda de certo tempo para cá...

— Então me estimas muito, Antoninha?...

— Se a estimo? atirar-me-hia á agua ou ao fogo por sua causa, minha ama!.. duvida?...

— Não, filha, e sabes perfeitamente que tambem te estimo e que deposito confiança em ti... — Antoninha, eu sou muito infeliz...

Assim fallando, Joanna deitou os braços em torno do pescoço da rapariga, escondeu no seio della a sua loura cabeça, e as lágrimas lhe correram mais amargas e abundantes.

Antoninha não disse nada, mas o coração se lhe apertou e seus olhos humedeceram.

Era uma boa rapariga aquella moreninha de faces rosadas, e estimava devéras a sua ama.

Ao cabo de um minuto, Joanna ergueu a cabeça.

— Soffro muito! disse ella com lentidão, e creio que vou morrer...

Antoninha soltou um grito.

— Morrer!.. repetiu assustada; que está dizendo, minha ama?... por que razão falla em morrer?...

Um sorriso triste assomou aos labios de Joanna.

— Se visses o que ha em meu coração, disse ella, — perguntar-me-hias antes como posso pensar em viver!...

Antoninha interrogou timidamente:

— Ha então alguma novidade, do outro dia para cá?

— Ha, minha pobre filha, ha o seguinte: até hoje eu havia conservado, apesar de tudo, não sei que insensata esperanza...

— E agora?...

— Agora já não tenho essa esperanza que me amparava...

— Já não a tem?

— Não.

— E porque?

— Sabes que esta tarde sahi a cavallo.

— Sei.

— Ia a Vezay...

— E então?

— Parei á porta do escriptorio do maire, apeei-me e vi... vi...

— O que, minha ama?... que foi que viu?...

— Os nomes afixados, minha pobre Antoninha, os seus nomes... Nada pôde agora impedir esse casamento... Para que elle não se realizasse seria necessario... seria necessario que ella morresse!...

Antoninha curvou a cabeça.

— Ora, proseguiu Joanna com dolorosa expressão, visto que *ella* não morrerá, serei eu que morrerei...

— Soffro muito, vês tu?... muito... demasiado!...

E, após curta pausa, a moça continuou:

— Quando voltava, encontrei-o... *elle* fugiu, Antoninha, fugiu! — Causo-lhe medo!... Comprehendes isto? dize, comprehendes que eu cause medo a alguém?... No entanto, sou formosa, não é verdade?

— Oh! formosissima! exclamou a rapariga.

— Tão formosa como a tal Magdalena?

— Cem vezes mais!...

— Achas isso, minha pobre filha... elle, porém, não pensa como tu!... ama-a... e porque a ama elle? — Porque não foi a mim que amou?... Tambem sou moça, e bonita, e rica!... Será porque ella é filha de um nobre e meu pai era um couteiro?... E, se não foi isso o que o afastou de mim, o que foi então?...

Antoninha não podia responder, e não respondeu.

Joanna proseguiu, mas desta vez com animação, pois a habitual violencia de sua indole triumphava do seu passageiro abatimento:

— E não ha nada que emprehender! nada que esperar!.. nada!.. nada!... devo curvar a cabeça!.. devo aguardar e dia maldito em que ambos, ao lado um do outro, se vão ajoelhar na igreja!.. Ah! Antoninha! Antoninha! se soubesses quanto a odeio, quanto detesto essa Magdalena, que vai roubar-me a felicidade que eu havia sonhado! se soubesses como eu quizera vel-a soffrer por minha causa todos os tormentos que por sua causa padeço!.. Ella, porém, não soffrerá!.. será feliz!.. feliz!.. e orgulhosa, e triumphante!.. e eu não terei senão o direito de chorar, desde que ainda me restem lágrimas, ou o de ir á missa do noivado, rezar pela felicidade dos noivos!..

E Joanna pôz-se a rir, com um riso estridente, que se assemelhava ao dos loucos, e que assustou Antoninha.

Depois, continuou com crescente exaltação:

— Mas ninguem acudirá em meu auxilio!... ninguem virá impedir esse casamento!... Sabes que eu preferiria vêr Luciano morto a vê-lo casado?... Ah! se eu fosse homem!.. Se ao menos estivessemos na Italia, em Veneza, em qualquer parte onde se mata por dinheiro, daria a minha riqueza a quem matasse aquella mulher!..

Ouvindo essas estranhas palavras, as quaes lhe faziam conjecturar que sua ama estava atacada por violento accesso de febre, Antoninha sentia augmentar-se o seu susto.

Cingiu Joanna nos braços, e toda tremula, toda banhada em pranto, supplicou-lhe que se acalmasse.

Essa supplica produziu effeito immediato.

Joanna Caillouet pareceu serenar, a sua exaltação desapareceu como se extingue um fogo de palha, e ella disse :

— Bem, Antoninha ! está ficando tarde ; despe-me, minha filha.

E, desabotoando ella mesma o corpinho do seu roupão, despiu-o e atirou-o para cima de uma cadeira, de modo a que a criada pôde deslaçar o cordão de sêda do collete que apertava a delgada e flexivel cintura de sua ama.

Ao passo que Antoninha desempenhava esse serviço, as idéas de Joanna pareceram desviar-se da direcção que até então haviam seguido.

— Nicasio não estava esta noite na sala grande ? perguntou ella.

— Estava...minha ama viu-o, e até fallou-lhe...

— E' um excellente rapaz, creio eu...

— Oh ! um coração de ouro, minha ama !...exclamou Antoninha.

— Não haverá alguma cousa entre vocês ambos ? Antoninha enrubeceu até ao branco dos olhos.

— Oh ! minha ama !...respondeu ella ; Nicasio diz que me acha bonita...

— Isso quer dizer que elle é o teu apaixonado, não é assim ?...

— Meu apaixonado... é dizer muito...

— Emfim, elle não falla em casar-se contigo ?

— Ah ! creio que, se eu quizesse...

— E tu não queres ?

— Não digo que *sim* por enquanto... porém no fundo...

— Tens tanto desejo como elle, não é isso ?

— Minha ama !...

— Nicasio possui alguma cousa de seu, penso eu...

— As suas economias, e o seu negociozinho que vai em bom pé...

— E tu, Antoninha, quando pensares em casar, teus pais não te darão um dotezinho ?...

— Com certeza, minha ama...

— Quanto ?

— Mil escudos.

— E' pouco.

— E' muito para elles.

— Pois bem ! eu dou-te o dobro desses mil escudos... casa-te com elle quando te aprouver.

Antoninha confundiu-se em agradecimentos e protestos de gratidão.

Em meio, porém, dessas acções de graças, interrompeu-se subitamente.

— Minha ama, murmurou ella, se eu me casar, isso não impedirá de conservar-me no seu serviço ?

— Não, filha... Por que o perguntas ?

— Ah ! é que eu estimo-a muito mais do que a Nicasio, creia ! e, se tivesse que escolher entre ficar

com a senhora e casar-me com elle, com certeza esse casamento não se faria !...

Commovida por essa prova de afeição, Joanna beijou de novo a rapariga em ambas as faces, e disse-lhe que, não tendo mais necessidade della, podia retirar-se.

— Então... boa noite, minha ama ! disse Antoninha ; procure dormir, e não tenha máos sonhos... E a rapariga sahiu.

II

A CANÇÃO DE NICASIO

Sahindo da sala grande, Antoninha dissera a Nicasio :

— Logo que eu houver accommodado a senhora, descerei ao pateo...

Devem estar lembrados de que essas palavras encheram de alegria o coração de Nicasio.

Antoninha ficára junto da ama muito mais tempo do que esperava.

Quando ella appareceu à porta envidraçada do vestibulo, o mascate, contrariadissimo por não vê-la chegar, cruzava o pateo a passos largos.

O cão caminhava após elle, fazendo, com religioso escrupulo, tantas voltas e reviravoltas como seu dono.

Afinal uma sombra ligeira se desenhou no escuro.

Essa sombra se dirigia para o lado de Nicasio, e não tardou que se encontrasse com elle.

A sombra soltou um gritozinho.

— Ah !... é o senhor Nicasio... disse ella com fingido espanto.

— Sou eu, sim, Antoninha...

— Que está fazendo aqui ?

— Pois não se lembra ?.. Estou á sua espera para ensinar-lhe a canção...

— Ah ! é verdade !... Já me não lembrava !... vamos lá ! eusine-me a tal canção, tão gabada.

Nicasio, tomando então a mão da rapariga, levou-a para um banco de pedra, que ficava encostado á parede da granja.

Ao lado desse banco havia uma portinha, tendo na parte superior uma abertura em fôrma de losango, destinada a dar luz e ar ao interior.

A rapariga sentou-se ao lado do mascate.

— Antoninha, disse este, a minha canção é uma canção de namorado... Os rapazes de Croisic, de Batz e de Saillé cantam-n'a de noite... a toada é bonita, é assim : *la-la-ú-lú-lá-lá-ú-lú... la-la-ú-lú-lú-lú-lú-ú-ló...* — e sempre assim até acabar.

— Oh ! deve ser muito bonita !

— Quer então aprendel-a ?

— Quero .. quero !... mas cante baixinho, para não despertar minha ama que está dormindo talvez.

— Não tenha receio.. Ouça !

— E Nicasio encetou a celebre canção !

(Continúa no proximo numero.)